



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço oferecido ao presidente da Nicarágua, Daniel Ortega

Palácio Itamaraty, 28 de julho de 2010

Jornalista: (incompreensível) entrada (incompreensível) no Brasil na...

Presidente: Não.

Jornalista: ...(incompreensível) da Oi, agora, com essa participação, Presidente, o que isso vai significar para a (incompreensível)

Presidente: Não, não, primeiro vamos só colocar as coisas nos seus devidos lugares. O Brasil não pode e nem poderia ter nenhuma influência nas negociações entre a Telefónica de Espanha e a Portugal Telecom. São dois países soberanos em que, entre eles, fizeram um negócio que, pelo que eu vi hoje, nos jornais, é muito dinheiro. Segundo, o que eu estou sabendo é que a parte brasileira e privada da Oi está negociando com a Portugal Telecom e, da parte do governo, está sendo acompanhado pelo BNDES – a equipe técnica e o presidente Luciano Coutinho

Eu não tenho mais informações do que isso. A única coisa que eu posso garantir para vocês é que enquanto eu for presidente a empresa vai continuar uma empresa nacional, porque foi para isso que ela foi criada: para ser uma empresa nacional, ajudar o país na banda larga, ajudar na questão de defesa, ou seja, então... Agora, vamos deixar eles conversarem, porque se quem não entende do assunto, como eu, começar a dar palpite, a gente pode atrapalhar um bom negócio.



Jornalista: Mas seria um bom negócio para o Brasil?

Presidente: Hein?

Jornalista: (incompreensível), a ideia da supertele nacional.

Jornalista: Seria um bom negócio para o Brasil?

Presidente: Ora, depende, depende se for feito o negócio, se a iniciativa privada concordar, que está negociando, se o BNDES concordar em nome dos fundos brasileiros e tiver possibilidade de novos investimentos no Brasil, será sempre um bom negócio para o Brasil, desde que o controle continue sendo nacional.

Jornalista: Presidente, por que a participação da Portugal Telecom não deixa de ser uma empresa (incompreensível) empresa nacional, se fosse mexicano, se fosse espanhol, por que essa diferença?

Presidente: Eu não sei porque você está falando isso, porque eu não soube, até agora, que os mexicanos queriam comprar a Oi, não soube até agora que Telefónica de España queria comprar a Oi, não soube...

Jornalista: Não, mas a ideia não era uma supertele nacional? Por que no caso dos portugueses não (incompreensível).

Presidente: Não, veja... Mas vai sair uma grande tele nacional, eu espero. Agora, não espere que tudo aconteça em quatro meses que eu tenho de mandato. Isso é um processo.



Jornalista: Então não vai ser (incompreensível) nacional agora.

Presidente: Não, mas veja, a Petrobras tem ações na Bolsa de Valores e não deixa de ser uma empresa excepcional. A Vale tem 70% de fundos públicos, mas o controle está na mão do setor privado, que só tem 30%, e é uma empresa privada, percebe? As decisões são eleitas, privada.

O que nós precisamos é o seguinte: eu, até com o cuidado de quem é presidente do Brasil, de quem conhece o que pode acontecer na Bolsa de Valores, eu tenho que deixar, primeiro, os donos das empresas negociarem o que quiserem negociar. A única coisa que nós vamos ter é a orientação do BNDES, em nome da parte brasileira. E o que eu acabei de dizer para vocês: o fato da Brasil... da Portugal Telecom decidir participar da Oi, o que eu posso dizer para vocês é que a Oi continuará sendo “brasileira da Silva”, só isso. Agora, mais do que isso, vocês procurem o Luciano Coutinho ou procurem...

Jornalista: Mas se fosse... Só mais uma coisa, se fosse mexicano ou fossem os espanhóis...

Presidente: Seria a mesma coisa. Seria a mesma coisa

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Até francesa.

Jornalista: (incompreensível) Venezuela.

Presidente: Olha, o conflito na Venezuela. Veja, primeiro, ainda não vi conflito; eu vi conflito verbal, que é o que nós ouvimos mais aqui, nesta América Latina. O que nós temos é que ter, primeiro, paciência para que o presidente Santos



tome posse. Eu estarei lá, na Venezuela, no dia 3 [no dia 6], para a reunião bilateral com o Chávez; à noite, pretendo ir para a Colômbia no jantar de despedida do presidente Uribe, pretendo conversar com o Uribe; no dia seguinte, vou participar da posse do presidente Santos, pretendo conversar com o presidente Santos.

Eu acho que nós temos interesse de a Unasul construir a paz. Eu acho que nós temos que restabelecer a normalidade nas relações entre Venezuela e Colômbia, porque são dois países importantes para nós, da América do Sul, são duas grandes economias, são dois países que têm grandes fronteiras, e quem mora na fronteira é a parte pobre da Colômbia, é a parte pobre da Venezuela, e nós queremos que esse povo tenha, nesse restabelecimento das relações, uma melhoria de vida. Eu pretendo conversar muito com o Chávez, muito com o Santos, porque eu acho que o tempo é de paz e não de guerra.

Jornalista: Presidente, uma questão do Brasil, aí. O senhor esteve lá em Pernambuco, esteve em Alagoas, e os comerciantes estão reclamando do Banco Brasil e da Caixa Econômica, que não conseguem tomar empréstimo por causa da burocracia.

Presidente: Olha, deixa eu lhe falar: eu nem sei se era o Banco do Brasil ou se era a Caixa. O que nós decidimos foi aportar R\$ 1 bilhão do BNDES para que fosse emprestado. Nós sugerimos que, através da sede da Caixa Econômica ou da sede da agência do Banco do Brasil, que o BNB, do Nordeste, que poderia ser o prestador do dinheiro, estivesse lá.

Ontem à noite, eu ouvi uma reclamação e imediatamente eu falei com o Guido Mantega que eu quero que ele se intere do que está acontecendo, porque eu fui lá, eu vi a situação e, para a gente recuperar a economia, é preciso que a gente libere os recursos para que as pessoas comecem a reconstruir o comércio daquela região. Então não é possível.



E, também, eu disse ao companheiro Guido que nós não podemos... Aliás, eu disse ao ministro Guido e ao Presidente do BNDES ontem: não é possível, depois daquela enchente, com aquela quantidade de lojas que perderam tudo, a gente ficar exigindo as mesmas garantias como se estivéssemos emprestando para uma empresa sadia, que não tivesse passado por (incompreensível). É preciso que as pessoas larguem um pouco o manual, façam algumas coisas diferentes, porque o que interessa naquela região é voltar à normalidade. E nós sabemos que não é fácil, porque agora é que, em alguns lugares, estamos conseguindo o terreno que os governadores adquiriram para fazer a casa. Nós estamos trabalhando, em caráter emergencial, para as crianças não perderem o ano letivo. Agora, você sabe que para destruir uma coisa, se destrói com uma chuva, para construir precisa de um ano de sol.

Então, eu sei que é difícil. O povo do Nordeste tem consciência de que todos estão trabalhando ao máximo para fazer tudo o que é possível. Porque, para mim, eu só vou me contentar quando a normalidade voltar àquela região. O que é importante é que nós temos dinheiro, e se nós temos dinheiro, nós não podemos arrumar outro obstáculo.

Jornalista: Mano Menezes, que o senhor disse que ia falar.

Presidente: Hein?

Jornalista: O senhor disse que ia falar do Mano Menezes.

Presidente: Agora que você perguntou.

Jornalista: Não, o senhor disse que ia falar. Então, o que o senhor achou da convocação (incompreensível)?



Presidente: Não, veja, primeiro eu achei que a escolha do Mano Menezes... eu tinha dito em vários programas que eu participei, durante a Copa, que o Brasil tinha quatro pessoas mais ou menos preparadas para assumir a direção da Seleção: primeiro, o Mano, o outro era o Felipão, o outro era o Luxemburgo, o outro era o técnico do Fluminense, o Murici. Foi escolhido o Mano Menezes.

A impressão que eu tenho é que a direção da CBF está entusiasmada com o Mano Menezes, porque eu o conheço, sei das qualidades dele, qualidade profissional, qualidade como homem, um cara de bom senso. O gaúcho conhece ele, certamente, um cara de bom senso, ajudou tanto o Grêmio quanto ajudou o Corinthians, em situações extremamente difíceis. Eu acho que ele vai dar conta.

Veja, ele não tinha muito o que fazer, porque se nós estamos esperando construir uma Seleção para 2014 e, até 2014, nós temos que fazer vários amistosos e nós temos as Olimpíadas, aí, em Londres, nós precisamos ter uma Seleção que vá se preparando, nesses quatro anos, para chegar aqui, no Brasil, e a gente ganhar.

Possivelmente, como eu acredito em coisas que não sei se vocês acreditam – acredito no destino, acredito em Deus, acredito na imprensa –, eu acho que quis o destino que nós perdêssemos na África do Sul para que a gente pudesse ganhar em 2014, no Brasil. É isso.

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Está tendo uma campanha na Internet pedindo para o senhor ligar para o Ahmadinejad (incompreensível) a moça que foi condenada à morte por apedrejamento (incompreensível).

Presidente: Ora, veja, um Presidente da República não pode ficar na Internet



atendendo todo pedido que alguém pede, de outro país. Eu tenho pedido pelo... Pedi pela francesa, porque foi um pedido do Presidente da França; pedi, no mesmo dia, para o presidente Ahmadinejad sobre os americanos que estão lá; pedi para o Presidente da Indonésia por um brasileiro que está lá; pedimos para o Presidente da Síria por quatro brasileiros que estavam lá. Agora, é preciso tomar muito cuidado, porque as pessoas têm leis, as pessoas têm regras, as pessoas... Se começarem a desobedecer as leis deles para atender o pedido do Presidente, daqui a pouco há uma avacalhação.

Eu, sinceramente, não acho que nenhuma mulher deveria ser apedrejada por conta de ter...

Jornalista: Traição.

Presidente: Não é traição. Sabe...

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Obrigada, Presidente.

(\$31EGJLP)